

“TIA, VOCÊ VAI ME AJUDAR NA ATIVIDADE?” - QUESTÕES DIDÁTICAS DA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Mateus de Souza Noia ¹
Júlia Rocha Felix ²
Rayane Amancio Ramos ³
Luciane Szatkoski ⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo interpretar e refletir sobre a relação dos alunos com a prática didática da alfabetização, olhando para essa vivência a partir da perspectiva do letramento. A fala “Tia, você vai me ajudar na atividade?” mostra que alfabetizar vai muito além de um ato mecânico, é algo que se torna mais significativo quando há vínculo, afeto e sentido para a criança. Como diz Magda Soares, é necessário alfabetizar na perspectiva do letramento. Acredita-se que essa temática é importante porque, ao longo dos anos, é perceptível muitos professores ainda presos a práticas tradicionais ou focadas apenas na decodificação. Isso faz com que a escola tenha alunos que até sabem “juntar letras”, mas não sabem usar a leitura e a escrita com autonomia no dia a dia. Trazer esse tema é uma forma de refletir sobre a necessidade de romper com esses padrões e repensar as práticas em sala. A fundamentação teórica parte dos estudos de Magda Soares, Rildo Cosson e Paulo Freire, enxergando a alfabetização como algo que deve estar ligado à vida dos alunos. Em relação à metodologia, o trabalho se baseia em diários de bordo escritos durante as vivências no PIBID, com anotações constantes, numa postura reflexiva e investigativa. A abordagem segue uma visão etnográfica, o que permite aos pesquisadores olhar para o cotidiano escolar de forma mais próxima da realidade dos alunos e menos a partir das próprias impressões. Ao final traz, parcialmente, os resultados alcançados dentro de sala de aula embasados pelos estudiosos, sendo um recorte de um período de aproximadamente 8 meses em detrimento do desenvolvimento cognitivo, cultural e social de crianças de três anos de escolaridade variados.

Palavras-chave: Pibid – Alfabetização – Didática – Apoio Escolar – Formação de Professores

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia - SP, mateus.noia@aluno.ifsp.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia - SP, felix.r@aluno.ifsp.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia - SP, rayane.amos@aluno.ifsp.edu.br

⁴ Professor Orientador: Mestra em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica - SP, luciane.szatkoski@ifsp.edu.br;





INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do tema a relação dos alunos com a prática didática na alfabetização, que surge da pesquisa base das práticas pibidianas realizadas em uma escola vinculada ao IFSP - Câmpus Jacareí, cujo problema é a relação entre alfabetização e letramento. A pesquisa justifica-se pelo fato de que é preciso alfabetizar na perspectiva do letramento, Soares (2009). É relevante porque muitos professores ainda estão focados em práticas tradicionais ou apenas na decodificação.

Ao refletir sobre os desafios encontrados ao trabalhar o letramento e por consequência a alfabetização com o terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental, os pesquisadores encontraram uma questão em comum interessante para ser observada e destrinchada: Como a busca pelo apoio por parte dos alunos interfere no processo de aprendizagem e em sua relação com o conhecimento? Deste modo, o objetivo geral do trabalho é entender a relação das crianças com o conhecimento e de que maneira entendem sua relevância para o processo de aprendizado ao decorrer dos anos letivos especificados.

Para aglutinar tal problema com a realidade das salas de aula, foram necessários entender outros objetivos complementares: A relação das crianças com os conhecimentos específicos de outras áreas, isto é, algumas preferências que podem ocorrer por questões pessoais ou pelo trabalho do docente; o entendimento dos alunos sobre o processo de leitura e escrita, diretamente relacionado à alfabetização e seus desdobramentos, o que interfere nos demais conhecimentos; e, por último, possibilitar a criação de estratégias embasadas nestes problemas anteriormente abordados, os entendendo à uma perspectiva intimista ao mesmo tempo que efetiva.



METODOLOGIA

A metodologia do presente artigo está no âmbito das ciências humanas, tendo uma abordagem qualitativa, visto que a pesquisa tende a interpretar a relação entre os discentes e a prática pedagógica proposta em sala de aula, especificamente, em uma perspectiva das construções de sentidos e significados pelos sujeitos no processo de aprendizagem em consonância com o letramento e alfabetização.

Como método de pesquisa adotou-se a pesquisa de cunho etnográfica que é fundamentada em uma observação participante que nos proporciona uma imersão no campo de pesquisa, possibilitando a análise minuciosa por meio das práticas socioculturais, afetivas, linguísticas, visando compreender a cultura escolar e relacionando-se com o letramento e alfabetização.

Como caminho de pesquisa, foi realizada a etapa de observação e recortes de cenas a partir das anotações dos cadernos de bordo dos pesquisadores. Meio pela qual foi evidenciado algumas práticas mecânicas no ensino, colaborando apenas para uma ação didática que favorece e enaltece a decodificação da tecnologia da escrita, desconsiderando a participação e atribuição de sentido ao ensino, ou seja, o letramento no processo educacional não é visto como um desenvolvimento das práticas culturais sociais, mas sendo reduzido à uma habilidade para realizar a decodificação.

A coleta de dados foi realizada aproximadamente por um período de oito meses, permitindo registros das observações das aulas de forma detalhada, viabilizando relacionar as vivências com os referenciais teóricos para interpretação dos dados coletados e de uma análise crítica sobre as práticas educadoras que ocorrem nesta instituição em específico.

O recorte de cenas extraídos do caderno de bordo foi uma etapa fundamental para evidenciar os momentos marcantes que os pesquisadores presenciaram das práticas do letramento ou a ausência dela. Tais recortes estão focados em uma ótica que delimita as concepções das professoras sobre um ensino que prioriza práticas tradicionais, sem proporcionar um ensino que favoreça os múltiplos letramentos e a função social da leitura e escrita. No que difere aos discentes foi analisada a influência das práticas mecânicas no ensino como consequência sem significados, dificultando o indivíduo compreender a leitura e a escrita possuem atribuição social.



A análise que deu origem a temática foi a desvalorização das práticas do letramento com a alfabetização nas salas de aula, dando ênfase apenas na construção de saberes técnicos da leitura e da escrita, desconsiderando a potência das práticas pedagógicas que estão atreladas de forma conjunta à respeito da alfabetização e o letramento.

A etapa de intervenção ainda não foi realizada, está em andamento porque os pesquisadores estão na etapa de observação, por isso o artigo não entrou em relato de experiência e sim em comunicação oral.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a análise das cenas que serão apresentadas, tomamos como referência os estudos de Magda Soares (2009), Rildo Cosson (2009), Paulo Freire (1987) e, ainda, Maria Teresa Esteban (2013). Esses autores fundamentam os seguintes questionamentos centrais da pesquisa: De que forma o afeto manifestado pelos estudantes se relaciona com as práticas dos pesquisadores? Como as situações observadas se articulam aos referenciais teóricos de Freire, Cosson e Esteban? De que maneira o professor pode desenvolver seu trabalho compreendendo o papel ativo do aluno, especialmente aquele que apresenta dificuldades?

A primeira questão aborda o papel do afeto, que é essencial na relação entre estudantes e pesquisadores, pois favorece a imersão no cotidiano escolar, a escuta sensível e a construção de uma prática docente contextualizada e humanizada. Essa dimensão afetiva fortalece os vínculos pedagógicos e amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

Na segunda questão, destacam-se as contribuições teóricas que orientam a reflexão sobre as práticas de alfabetização e letramento. Para Freire, o ensino deve partir de “visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação” (FREIRE, 1987, p. 48). Nessa mesma linha, Cosson (2009, p. 84) reforça essa perspectiva ao afirmar que “é por isso que o aluno precisa ser livre para escrever o que desejar dentro dos limites dados (...)”, valorizando a autoria e a expressão individual do estudante. Já Esteban (2013, p. 87) observa que “o controle da palavra é uma forma de controle das possibilidades de reconhecimento e afirmação da existência de realidades, conhecimentos e valores distintos” e chama atenção





para o modo como a escuta e a valorização das diferentes vozes em sala de aula se tornam fundamentais para o reconhecimento dos sujeitos e de seus saberes.

Por fim, a terceira pauta teórica volta-se para a busca da compreensão de como a professora apoiou o aluno em suas dificuldades, de que modo percebeu a contribuição da pesquisadora nesse processo e quais fundamentos teóricos sustentaram suas práticas. A articulação entre teoria e prática torna-se essencial para analisar o desenvolvimento do aluno.

Assim, os referenciais teóricos convergem para uma questão comum: como o pedido de ajuda em atividades didáticas expressa o desenvolvimento e as dificuldades dos alunos ao longo do ano letivo. Com base em Freire, Cosson, Esteban e Soares, compreende-se a prática docente como um espaço de afeto, diálogo e transformação, no qual o aluno é reconhecido como sujeito ativo da construção do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho realizado nas mais de trinta semanas de pesquisa foi de extrema importância para as noções aqui destacadas, já que desde o primeiro momento, os estudantes entenderam o papel dos pesquisadores em sala de aula, confiando nestes para a retirada de dúvidas e para a elucidação de uma série de questões. As crianças do terceiro ano desenvolveram uma série de atividades voltadas para a interpretação de texto e escrita de respostas pessoais para os questionamentos mediados, enquanto as crianças do quarto ano, por sua vez, estudaram os gêneros literários com foco nos contos de suspense e reportagem, é possível relacionar tais conteúdos com os processos de letramento e o de alfabetização, salientando suas devidas importâncias.

Cada professor em sala entendia a importância do apoio do programa, compactuando para a coleta de dados ao mesmo modo que pedia encarecidamente para que algum trabalho específico fosse feito, como acompanhar um aluno com dificuldade na realização de uma prova ou de uma atividade de nível consideravelmente mais difícil. Este foi acatado por parte dos pesquisadores, algo que incrivelmente animava as crianças em questão por “terem a tia só





para si” durante alguns momentos, mesmo com as tentativas de manter conversas paralelas enquanto as propostas eram atendidas.

No início das observações, contudo, a presença dos pesquisadores gerou um natural estranhamento, marcado por muitos olhares e perguntas. A abordagem etnográfica adotada, por nos manter em imersão no campo de pesquisa, já considerava esta fase de adaptação e reconhecimento. Rapidamente, as crianças passaram a buscar auxílio, utilizando a recorrente pergunta "Você pode me ajudar, tia?" como ponte para estabelecer o contato. Além disso, momentos de interação e de manifestação ocorreram de forma semelhante em relação aos discentes.

Um recorte de cena extraído do diário de bordo ilustra de forma contundente a importância do vínculo e do sentido no processo de apropriação da escrita e da leitura. Na turma do terceiro ano, foi observado o Aluno U, que apresentava disfemia, o que o deixava visivelmente nervoso e impedia, inicialmente, que pedisse ajuda verbalmente. Mesmo sem dominar a decodificação de letras, o Aluno U sempre demonstrou intensa curiosidade e atenção em relação às atividades. Ele tentava se aproximar, buscava o contato visual, mas recuava na fala.

Com o passar dos meses, o vínculo afetivo se estabeleceu, e a cada dia de vivência, Aluno U ganhava segurança. O ato de ir até o pesquisador, ainda que distante, transformou-se em um ato de confiança. Em uma das aulas, ao receber uma atividade de produção textual, o Aluno U se aproximou e, em vez de recuar, apontou para o papel e disse: "Quero escrever sobre o meu cachorro, que ganhei hoje". Este momento marcou um avanço crucial: a necessidade de se comunicar e a atribuição de sentido à escrita (seu cotidiano) superaram a barreira da dificuldade na fala e da decodificação mecânica. No mês de outubro o Aluno U está alfabetizado, e é perceptível que o vínculo seguro foi o catalisador para que a leitura e a escrita fizessem sentido para ele.

Esta vivência reforça a tese de Magda Soares, para quem é imprescindível "alfabetizar na perspectiva do letramento". A alfabetização, neste caso, não se resumiu a um ato mecânico, mas esteve ligada à vida do aluno, seu desejo de narrar uma experiência pessoal. Quando a





prática didática foca apenas na decodificação, a escrita e a leitura torna-se um caminho para realizar a decodificação, sem atribuição social. No caso do aluno em questão, o letramento, a apropriação dos usos sociais da escrita, funcionou como a força motriz que deu significado ao

aprendizado da técnica (a alfabetização), rompendo com o padrão do ensino descontextualizado.

A experiência com o Aluno U também nos remete à crítica de Paulo Freire ao modelo de educação bancária, que "a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los". (FREIRE, 1970, p.33) O medo do aluno em se expressar e a sua dificuldade inicial poderiam ter sido interpretados como limitação cognitiva em um ambiente que prioriza o silêncio e a decodificação pela decodificação. No entanto, o vínculo e o propósito (o desejo de contar sobre o cachorro) transformaram o processo, levando-o à práxis, onde a leitura e a escrita se tornam ferramentas de atuação e expressão no mundo.

A partir da cena relatada anteriormente e paralelamente evidenciada por COSSON com a intencionalidade do ensino, de modo que o envolvimento do aluno e a noção de “alfabetizar na perspectiva do letramento” esteja em foco, é posto como meta a superação de suas dificuldades e atribuído sentido em suas intervenções, de modo que o discente esteja envolvido nas noções do letramento literário, implicando na atribuição de sentidos, aprimoramento da capacidade de interpretar e sobretudo colocar em prática a autonomia da leitura e escrita nos diversos contextos sociais.

Uma característica se fez presente na vivência de todos que aqui escrevem: mesmo se sentando com um aluno específico ou realizando uma demanda que foi requerida, outras crianças vinham ao encontro dos bolsistas para tirar dúvidas. Tais momentos de ensinamento não se limitavam unicamente às aulas de língua portuguesa, mas também ocorrendo nas aulas de matemática e ciências, por exemplo. Dúvidas sobre a ortografia e coerência de um texto, elaboração das contas matemáticas para sua resolução, a diferença do processo homogêneo e heterogêneo de uma mistura, como uma cadeia alimentar é dividida corretamente entre produtores, consumidores e decompositores, entre outros conteúdos foram os abordados com



mais frequência, sendo explorados de forma a revisar o aprendizado já processado por eles durante a semana, mês ou bimestre.

Enquanto objetivavam distrair os pesquisadores em relação à lição, algumas crianças relataram a maneira autônoma com que desenvolvem seus aprendizados, por exemplo a fala “tio, quando eu vou ler [em voz alta] começo lendo na minha cabeça e depois falo alto, me ajuda a pensar” dita por uma das crianças do quarto ano, que expressa uma consciência do valor atribuído a leitura e um anseio por um elogio vindo da professora. Sem contar fatores de ordem psicossocial que acarretam demandas específicas por parte de alguns estudantes, já que o descontentamento com alguma atividade é corriqueiramente ocasionado pela falta de um acompanhamento especializado por um profissional de apoio em sala ou deslize não intencional da docente em entender a relação do aluno com a matéria.

Baseado nos estudos sobre a importância direcionada aos conteúdos e preferências pessoais por parte dos estudantes, levando em conta o trabalho desenvolvido por Maria Teresa Esteban em seu livro *O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*, em especial nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, é atribuído como um material dotado de valor e marcado pelas experiências individuais do aluno, direcionando suas preferências, admitindo suas limitações ou desgostos e principalmente moldando seu comportamento para o decorrer do ano letivo. Concomitante à isso, é de se pensar que o saber ler e interpretar um material carrega seu valor próprio e o valor aglutinado pelo estudante, que sofrem o processo da dialética em sua forma mais plena e se tornam importantes ferramentas de avaliação (por parte do professor e do aluno para si próprio) que priorizam a alfabetização em detrimento do letramento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo interpretar e refletir sobre a relação dos alunos com a prática didática da alfabetização na perspectiva do letramento, partindo da fala representativa de uma aluna: "Tia, você vai me ajudar na atividade?". A análise com base etnográfica nos diários de bordo do PIBID evidenciou a pertinência da temática e a urgência em repensar as práticas de ensino em sala de aula. Nesse sentido, a cena do caderno de bordo que foi demonstrada neste presente artigo corrobora a questão levantada: o ensino contextualizado. Principalmente com práticas que estejam alicerçadas na perspectiva do letramento.

Em consonância com o referencial teórico de Magda Soares, Rildo Cosson e Paulo Freire, a pesquisa reforça que a alfabetização deve ser realizada de forma indissociável do letramento, para que o aprendizado ultrapasse o ato mecânico da decodificação. Observamos que, em muitos momentos, o ensino se restringe à ênfase na construção de saberes técnicos, resultando em alunos que, embora capazes de "juntar letras", não utilizam a leitura e a escrita com autonomia social.

O período de observação, que durou aproximadamente oito meses, revelou aspectos cruciais do cotidiano escolar. O apoio dos pesquisadores foi valorizado pelos alunos, que os buscavam para a elucidação de dúvidas não apenas em Língua Portuguesa, mas em diversas disciplinas como Matemática e Ciências. Essa busca ativa por auxílio, em um contexto de afeto e vínculo, conforme sugerido pela fala inicial que norteia o trabalho, indica a necessidade de um ensino mais contextualizado e significativo, que atenda às demandas cognitivas, culturais e sociais das crianças. As intervenções pontuais também trouxeram à luz a consciência do valor atribuído à leitura por parte dos alunos, e a importância de escutar o erro e a preferência discente como reveladores de seus modos de pensar e de suas experiências individuais.

Por se tratar de uma Comunicação Oral, o trabalho se restringiu à etapa de observação e análise, sendo a etapa de intervenção ainda um processo em andamento. As reflexões aqui





apresentadas se configuram, portanto, como um subsídio teórico-metodológico fundamental para a futura etapa de intervenção, cujo objetivo será o de propor práticas pedagógicas que superem os modelos mecanizados e que, de fato, articulem o letramento e a alfabetização para uma educação emancipatória e com propósito social.

AGRADECIMENTOS

Queremos expressar nossa sincera gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização e o desenvolvimento deste trabalho. Em especial, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e oportunidades concedidas por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Nossos agradecimentos se estendem às professoras Virna Catão e Luciane Szatkoski, pela fundamental orientação, acompanhamento constante e por nos inspirarem sempre a adotar uma postura de pesquisadores, buscando uma reflexão investigativa no cotidiano escolar. Por fim, agradecemos à escola parceira, a toda a equipe docente e, principalmente, aos alunos do 3 e 4 ano, que nos receberam com confiança e afeto, tornando as vivências no campo de pesquisas ricas em sentidos e significados.





REFERÊNCIAS

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães De. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. ISBN 978-85-7879-190-2.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. ISBN 978-85-86583-16-2.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. ISBN 978-85-7244.309-8.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2013. ISBN 978-85-61593-65-0.

